

# Os anos loucos: a crise da década de 1920

## Abertura

**O**s anos 20 trouxeram profundas transformações para a sociedade brasileira. Nessa década se manifestaram a crise do **pacto oligárquico**, a demanda de maior participação política dos setores urbanos e a insatisfação dos militares.

O ano de 1922, em especial, reuniu uma sucessão de acontecimentos que mudaram de forma significativa o panorama político e cultural do país. Não foi apenas o ano da Semana da Arte Moderna. Foi também o ano de uma disputada sucessão presidencial que revelou divergências sérias entre as oligarquias, o ano da criação do Partido Comunista do Brasil, e o ano do início do movimento tenentista.

O ano do centenário da Independência indicava, em suma, que novos ventos estavam soprando sobre o país.

## Movimento

### As oligarquias desafinam

Vamos começar a aula de hoje estudando a crise do acordo entre as oligarquias, manifestada na sucessão presidencial de 1922. Na Aula 21, você estudou o pacto oligárquico. Volte lá e confira.

Você aprendeu também que a política dos governadores, com o propósito de reduzir a instabilidade política que ameaçava a República brasileira, neutralizou as **oposições** e criou mecanismos para garantir que as forças da **situação** fossem sempre vitoriosas.

O resultado foi que, durante vários anos, as eleições para presidente da República tiveram um candidato único, oficial, e não houve uma verdadeira disputa eleitoral. A exceção foi a **sucessão presidencial de 1910**, quando Rui Barbosa, candidato de oposição ao marechal Hermes da Fonseca, lançou a Campanha Civilista e foi derrotado. Após as eleições, contudo, não houve contestação dos resultados finais.

Já em 1922, a situação seria diferente. Pela primeira vez, o confronto entre os grandes Estados e os Estados de segunda grandeza se apresentou claramente numa disputa pela presidência da República, revelando os conflitos regionais entre as oligarquias e os problemas do federalismo desigual brasileiro.

Esse confronto assumiu sua forma plena com o movimento da **Reação Republicana**, que lançou a candidatura dissidente de Nilo Peçanha em oposição à candidatura oficial de Artur Bernardes. Enquanto Bernardes contava com

o apoio de Minas Gerais, São Paulo e pequenos Estados, uniram-se em torno da Reação Republicana Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Distrito Federal. Esses Estados tentavam construir um **eixo alternativo de poder**.

A plataforma da Reação Republicana defendia a regeneração dos princípios republicanos e a formação de partidos políticos nacionais. Criticava a forma como se desenvolvia o federalismo no Brasil, que beneficiava apenas os grandes Estados.

Para enfrentar a ameaça permanente que rondava a candidatura da oposição, que antes mesmo da disputa já tinha sua derrota traçada, a Reação Republicana desencadeou uma forte propaganda eleitoral, coisa pouco comum nas eleições da Primeira República. E, o que é muito importante, buscou também apoio militar.

No carnaval de 1922, às vésperas das eleições presidenciais, a população carioca, engajada na campanha eleitoral, cantava a seguinte marchinha: “Ai, seu Mé! Ai, Mé, Mé! Lá no Palácio das Águias, olé! Não hás de pôr o pé!”

O Palácio das Águias era o Catete, sede do governo.

E “seu Mé” era o apelido de Artur Bernardes...

Em tempo

### Os militares voltam à cena

Apesar do clima de intensa agitação política que marcou os primeiros meses de 1922, as eleições se realizaram na data prevista, em 1º de março. Os resultados eleitorais, controlados pela máquina oficial, deram a vitória a Bernardes, com 466 mil votos, contra 317 mil de Nilo Peçanha. Mais uma vez, o esquema eleitoral vigente na República Velha funcionou para garantir a vitória do candidato da situação.

Mas, diferentemente das eleições anteriores, a oposição não aceitou a derrota. A Reação Republicana desencadeou uma campanha para manter a mobilização dos seus aliados e estimular a insatisfação militar. A falta de prestígio e poder que os militares enfrentavam havia algum tempo era a responsável por essa insatisfação.

Os militares ocuparam, sem dúvida, um lugar importante durante toda a Primeira República (1889-1930). Mas a força que tiveram na primeira década republicana, ou seja, de 1889 a 1899, foi decrescendo, consideravelmente, depois. O fechamento da Escola Militar da Praia Vermelha após sua última revolta, em 1904, e a criação da Escola Militar do Realengo alteraram profundamente a formação da oficialidade do Exército. O propósito da nova escola não era formar soldados-cidadãos, com um pé no Exército e outro na sociedade e na política. A ideia era formar soldados profissionais.

Contudo, uma série de incidentes ocorridos no início dos anos 20 iria recolocar na ordem do dia a participação dos militares na política.

Um desses incidentes foi o episódio das chamadas “cartas falsas”, que estourou ainda antes das eleições presidenciais, e permitiu que dois movimentos distintos, a rebeldia militar e a Reação Republicana, se articulassem para contestar as estruturas políticas da Primeira República.



Arthur Bernardes.

## Em tempo

Você sabe o que eram essas famosas “cartas falsas”? Eram cartas que haviam sido supostamente enviadas pelo candidato Artur Bernardes ao líder político mineiro Raul Soares, contendo ácidas críticas à corporação militar. O conteúdo de uma das cartas era o seguinte:

*Estou informado do ridículo e acintoso banquete dado pelo Hermes [referência à comemoração da posse do marechal Hermes da Fonseca na presidência do Clube Militar], esse sargentão sem compostura, aos seus apaniguados e de tudo que nessa orgia se passou. Espero que use de toda energia (...) pois esta canalha precisa de uma reprimenda para entrar na disciplina (...). A situação não admite contemporizações, os que forem venais, que é a quase totalidade, compre-os com todos os seus bordados e galões.*

A Marcha dos 18  
do Forte de  
Copacabana.



Mapa do  
trajeto da  
Coluna  
Prestes.



A publicação dessas cartas, em outubro de 1921, pelo *Correio da Manhã*, jornal carioca que apoiava a Reação Republicana, caiu como uma bomba, criando uma indisposição completa entre o candidato da situação e segmentos militares. Bernardes venceu a eleição, mas estava preparado o caminho para a eclosão da primeira revolta tenentista, em julho de 1922.

O tenentismo foi um conjunto de movimentos militares que se desenvolveram ao longo de toda a década de 1920, até 1932, liderados pela **jovem oficialidade das forças armadas**. Os chamados “tenentes” tinham como objetivo **moralizar os costumes políticos, defender o voto secreto e advogar a criação de um Estado centralizado que pudesse modernizar o país**.

Esse primeiro levante foi derrotado, assim como o foram as iniciativas de contestação da Reação Republicana. Em novembro de 1922, Bernardes tomou posse como presidente da República sob estado de sítio, desencadeando forte repressão contra todos aqueles que se haviam oposto à sua candidatura.

Desse modo, as oligarquias conseguiram temporariamente administrar sua crise interna e neutralizar os conflitos dos setores urbanos, que pleiteavam maior participação política. Em 1926, nova sucessão presidencial ocorreria sem maiores problemas, tendo como candidato único Washington Luís, governador de São Paulo.

Se a pacificação dos grupos oligárquicos foi conseguida rapidamente com a marginalização, mais uma vez, das oposições, os levantes tenentistas continuaram ainda por algum tempo. Em 1924 eclodiu a revolta de São Paulo, e a seguir teve início a marcha da **Coluna Prestes**, movimento militar desencadeado contra o governo Bernardes.

Estado de sítio: suspensão temporária de direitos individuais e coletivos previstos na Constituição de um país.

A Coluna Prestes originou-se de um grupo de militares rebeldes que tinham participado de levantes contra o governo federal em 1924, no Rio Grande do Sul e em São Paulo. Formou-se em dezembro daquele ano e percorreu a pé cerca de 30 mil quilômetros, por treze Estados, com o objetivo levar uma mensagem revolucionária a todo o país.

Expressão mais radical dos movimentos militares da década de 1920 que pleitearam reformas políticas, a Coluna Prestes foi combatida por diferentes adversários arregimentados pelo governo federal, mas venceu grande parte dos combates que travou.

Ainda assim, em 1927, contando com poucos remanescentes, refugiou-se na Bolívia e depôs as armas.

Em tempo

## E chegaram os gaúchos

O governo de Washington Luís iniciou-se em clima de estabilidade política e econômica. Como já vimos, os desafios colocados pelas oligarquias no início da década de 1920, questionando a maneira como funcionava a política dos governadores, pareciam estar resolvidos definitivamente.

Mas era apenas uma impressão. Logo, novas nuvens se formaram anunciando tempestade... Era a Revolução de 1930 que se aproximava.

Em 1929, iniciou-se mais um vez um processo de sucessão presidencial. Tudo indicava que as regras que norteavam o funcionamento da política na Primeira República seriam mais uma vez cumpridas – as forças da situação, por meio do presidente da República, indicariam o candidato oficial, que deveria ser apoiado por todos os grupos dominantes nos Estados.



1 - Miguel Costa  
2 - Luís Carlos Prestes  
3 - Juarez Távora  
4 - João Alberto  
5 - Siqueira Campos

6 - Djalma Dutra  
7 - Cordeiro de Farias  
8 - José Pinheiro Machado  
9 - Atanagildo França  
10 - Emídio da Costa Miranda

11 - João Pedro  
12 - Paulo Krüger da  
Cunha Miranda  
13 - Ari Salgado Freire  
14 - Néelson Machado

15 - Manuel Lima  
Nascimento  
16 - Sadi Vale Machado  
17 - André Trifino Correia  
18 - Ítalo Landucci

Mas, dessa vez, o “racha” não se deu entre candidatos representantes dos Estados dominantes e dos Estados de segunda grandeza. Aconteceu no coração do próprio grupo dominante. Washington Luís desejava fazer seu sucessor e indicou Júlio Prestes – que, como ele, era representante de São Paulo. Acontece que Minas acreditava estar no direito de ocupar a presidência da República.

Essa divergência entre Minas e São Paulo logo abriu espaço para que outras divergências latentes, sufocadas no passado, pudessem ressurgir. E a **oligarquia gaúcha** não ia perder essa oportunidade.

Em julho de 1929, com o apoio mineiro, foi lançada a candidatura do gaúcho Getúlio Vargas, tendo como vice o governador da Paraíba, João Pessoa. Estava formada a **Aliança Liberal**, cuja base de sustentação eram Minas, Rio Grande do Sul, Paraíba e mais alguns grupos de oposição ao governo federal de vários Estados – tais como o Partido Democrático de São Paulo e outros grupos de civis e militares descontentes.

### Em tempo

A plataforma da Aliança Liberal estava voltada para conquistar a simpatia das classes médias e de alguns setores operários. O programa propunha medidas de proteção ao trabalhador (aplicação de lei de férias, regulamentação do trabalho do menor e da mulher) e a reforma política do país (voto secreto, justiça eleitoral e anistia aos presos políticos).

A acirrada disputa eleitoral iniciada em 1929 seria agravada pela profunda crise econômica mundial. Essa crise foi provocada pela quebra, em outubro, da bolsa de Nova Iorque.

No final do ano, já havia centenas de fábricas fechadas no Rio e em São Paulo, e mais de um milhão de desempregados em todo o país. A crise atingiu também a cafeicultura paulista, provocando uma queda dos preços do café e liquidando o programa de estabilização financeira do governo.

As eleições se realizaram em março de 1930 e, conforme era esperado, a vitória coube a Júlio Prestes, que recebeu 1.091.000 votos contra 737 mil dados a Getúlio Vargas.

Nas eleições de 1930, o Bloco Operário Camponês (BOC), patrocinado pelo Partido Comunista, lançou um candidato a presidente da República. Obteve uma votação simbólica, mas que expressava a demanda concreta de participação política das classes trabalhadoras.

Em tempo



Comício da Aliança Liberal.

Divulgados os resultados, parecia mais uma vez que a regra de ouro da política dos governadores seria mantida, e que a vitória do candidato oficial seria reconhecida. Mas, em pouco tempo, estava em marcha um movimento conspiratório para depor Washington Luís pela força das armas e liquidar o regime oligárquico da Primeira República.

Um acontecimento inesperado deu força à conspiração revolucionária. Em 26 de julho, João Pessoa foi assassinado em Recife e, assim, transformado em mártir. Nos meses seguintes cresceu a articulação revolucionária, com a adesão de importantes quadros do Exército. O comando geral do movimento armado foi entregue ao tenente-coronel Góis Monteiro.

A revolução estourou em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul em 3 de outubro de 1930. Depois de algumas resistências, a situação no Nordeste também pendeu para os revolucionários. A 24 de outubro, os generais Tasso Fragoso, Mena Barreto e Leite de Castro e o almirante Isaías de Noronha depuseram o presidente Washington Luís no Rio de Janeiro e constituíram uma junta provisória de governo.

A junta tentou permanecer no poder, mas a pressão dos revolucionários vindos do Sul e das manifestações populares obrigaram-na a entregar o poder a Getúlio Vargas, que tomou posse na presidência da República a 3 de novembro de 1930.

Estava encerrada uma fase da história política brasileira, com o fim da República Velha.

## Últimas palavras

Segundo Boris Fausto, um dos principais estudiosos da Primeira República,

*a Revolução de 1930 não foi feita por representantes de uma suposta nova classe social: a classe média ou a burguesia industrial (...). Os vitoriosos de 30 compunham um quadro heterogêneo tanto do ponto de vista social como político. Eles tinham-se unido contra um mesmo adversário, com perspectivas diversas.*

A heterogeneidade dos grupos revolucionários e a dificuldade de cada um se sobrepor aos demais criariam problemas para a reorganização do novo Estado brasileiro. Esse assunto será objeto da nossa atenção na próxima aula.

## Exercícios

### Exercício 1

Releia o item **As oligarquias desafinam** e explique o que foi a Reação Republicana.

### Exercício 2

Releia o item **Os militares voltam à cena** e explique as principais propostas do movimento tenentista.

